

O ESTUDO DO MEIO COMO PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA: POR UM DIÁLOGO ENTRE O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Josenildo da Silva Martins
Mestrando em Geografia – PPGGe/UFRN;
Especialização em Geografia do Semiárido e Educação Ambiental –
IFRN/EAD/UAB;
Graduação em Geografia – IFRN;
Prof. Assistente – Prof. Mun. Extremoz/RN;
E-mail: josenildomartins.forever@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O artigo em tela destaca, dentre a problemática que assola o trabalho de campo no processo de ensino e aprendizagem em Geografia, a preocupação com proposições teóricas, metodológicas e práticas que viabilizem um diálogo entre o *conhecimento geográfico* e a *Educação Ambiental (EA)*. Para tanto, põe em xeque o *Estudo do Meio*, imprescindível à ciência geográfica, como um elo capaz de viabilizar o diálogo por acreditar que este exame do/no espaço tem um potencial capaz de revelar como as pessoas apreendam o ambiente, como dependem dele, como o afetam e como podem promover sua sustentabilidade.

A necessidade de se realizar este diálogo reside na justificativa de que é preponderante o conhecimento e o cuidado do/com o ambiente do qual a humanidade faz parte e necessita em grande medida para (sobre)viver. Principalmente no contexto da atual sociedade pautada no paradigma consumista em nível caótico sem precedente e insustentável.

Embora a discussão sobre trabalho de campo seja pequena, significativos textos de geógrafos experientes estão disponíveis para leitura desde as décadas de 1970 e 1980 (SUERTUEGARAY, 2002). Destes, o artigo em tela destaca reedição de 1985 do texto que trazem as contribuições de Kaiser (2006). Destaca, também, as contribuições de Suertuegaray (2002), Malysz (2007) e Pontuschka (2008), para citar, senão, os pioneiros na abordagem do sentido e da natureza teórico, metodológico e prático deste procedimento na ciência geográfica.

Posto estas leituras, a *pesquisa bibliográfica* revelou uma necessidade latente de se avançar na articulação desta prática teoricamente orientada e de dirigi-la para o olhar crítico sobre a realidade associado à ação transformadora, ou melhor, a ação

de (re)conhecer a realidade para que nela se possa intervir. Nessa empreitada, acredita-se que a *Educação Ambiental* cumprirá fundamental papel.

Defende-se, então, a proposta de uma *Educação Ambiental* interdisciplinar que seja capaz de lidar com a realidade socioespacial, de adotar uma abordagem que considere todos os aspectos que compõem a questão ambiental (socioculturais, políticos, científico-tecnológicos, éticos, ecológicos) e que seja capaz também de ser um agente otimizador de novos processos educativos que conduzam as pessoas por caminhos onde se vislumbre a possibilidade de mudança e melhoria do seu ambiente total e de qualidade da sua experiência humana no espaço (DIAS, 2004).

Incentivar um diálogo entre o *conhecimento geográfico* e a *Educação Ambiental (EA)* a partir do *Estudo do Meio* como proposição metodológica é objetivo maior da do artigo em tela. Quiçá, seja a contribuição diferencial do estudo à discussão, pela inserção do processo de *EA* no exame espacial.

METODOLOGIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PROPOSIÇÃO

Para o *Estudo do Meio* como proposição metodológica deste artigo ao processo de ensino e aprendizagem destinada aos professores de Geografia, o caminho que sugere-se vai de encontro com as ideias de Albuquerque *et al* (2012), pelo menos ao defender que se deve organizá-lo em três etapas principais: 1) preparação; 2) a(s) saída(s) e, 3) a sistematização do saber.

Na preparação, sugere-se que seja discutida a escolha do *locus* de estudo, que se faça visita preliminar ao local, que se consulte sobre a segurança do local, principalmente se este oferecer risco à equipe e/ou ao indivíduo, isto é, uma avaliação prévia do espaço. Também é muito válido que se trace o percurso e que se justifique a necessidade e relevância da ação. Estabelecer os objetivos a serem alcançados, verificar que metodologias são mais pertinentes ao exame do “meio” e sob que viés pretende-se apreender a realidade, é imprescindível.

Na (s) saída (s), sugere-se ter sempre em mãos o plano de orientação do estudo, material pra anotações, filmagens, fotografias e está sempre teoricamente orientado, se isso for pertinente ao método! Sim, porque possa ser que seja importante não levantar hipóteses, nem ir ao campo cheio de preconceitos querendo “encaixar a realidade” na sua teoria. A fenomenologia, por exemplo, solicita à

proposta, deixar o “campo falar”! Tudo isso será levado em consideração na sistematização do saber, terceira etapa.

No momento de sistematização, sugere-se, então, que seja avaliado todo o percurso, os resultados encontrados, se esses resultados condizem com os objetivos traçados, se a metodologia foi suficiente, que leituras foram possíveis ser feitas, que problemas foram identificados e, se for o caso, e é nesse sentido que ora se propõe o *Estudo do Meio*, pensar medidas mitigadoras para o(s) problema(s) identificado(s). Estas medidas nem sempre estarão ao alcance dos investigadores. Daí elas poderem ser tanto no nível teórico, quanto no nível prático. Mas, também podem ser ao mesmo tempo nos dois níveis.

Para se chegar a essa proposição como um caminho capaz de viabilizar um diálogo entre o *conhecimento geográfico* e a *Educação Ambiental (EA)*, utilizou-se, além das experiências profissionais e acadêmicas construídas pelo autor, a *pesquisa bibliográfica*. Dessa forma, o desenvolvimento deu-se também a partir de material bibliográfico já elaborado sendo, pois, que sua principal vantagem “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 1999, p. 65).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os trabalhos sobre metodologias de ensino e de pesquisa destinadas aos professores de Geografia não são novos, pois, desde o século XIX tais debates foram implementados (ALBUQUERQUE, 2011). Entretanto, acredita-se que ainda existam possibilidades de contribuições visando orientar as saídas de alunos e professores de sala de aula, quando esses buscam se aproximar da realidade para nela intervir. Outrossim, para estimular a produção de conhecimento em geografia e reforçar a capacidade perceptiva e crítica dos sujeitos.

Elegeu-se o *Estudo do Meio* como proposição capaz de direcionar e efetivar este diálogo entre o *conhecimento geográfico* e a *Educação Ambiental* por esta metodologia “nos possibilita perceber a ação da sociedade no espaço e no tempo e também nos perceber como sujeitos” (MALYSZ, 2007, p. 171). Outrossim, porque o *Estudo do Meio*:

[...] coloca os estudantes em contato com as populações, com as observações das paisagens, com os depoimentos obtidos, revelando uma realidade oculta que, analisada, (...) [permite] o desenvolvimento

de uma consciência social e a percepção de intervenções possíveis, ou seja, o entendimento da teia de relações sociais que estão por trás da paisagem, por trás das falas das pessoas e da aparência, para se chegar a essência (PONTUSCHKA, 2006, p. 4).

Desse cenário emergem elementos que podem configurar os procedimentos necessários ao exame do “meio”. Veja bem, o contato com as populações e os depoimentos a serem obtidos no *Estudo do Meio* podem ser alcançados por meio de entrevistas. Dentre as mais diversas formas, a semiestruturada é uma possibilidade válida. De acordo com May (2004, p. 149) a semiestruturação tem um “caráter aberto”, isto é, o entrevistado responde às perguntas solicitadas dentro de sua concepção, mesmo assim, o pesquisador não deve perder de vista o seu foco.

O contato se faz necessário uma vez que não se sensibiliza quem não entra em contato direto com a realidade e seus problemas a fim das melhorias (PONTUSCHKA, 2006). Esse contato se dá na forma de “visita física” ao campo de estudo onde será possível a percepção ambiental/espacial para intervenções possíveis. Onde, também, é possível ver as aparências para se chegar à essência.

Na observação do “meio”, os sujeitos coletaram os dados para conseguir informações utilizando os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. “Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (MARCONI E LAKATOS, 2004, p. 275). Ora, “uma coisa é observar para tentar compreender, registrar os fenômenos para os interpretar com o apoio da explicação geral; uma outra é ir ‘à pesquisa’ como quem vai ao zoológico ou ao safári!” (KAISER, 2006 p. 100).

Nesta técnica subsidiária ao *Estudo do Meio*, o *lugar do olhar*, para usar a expressão de Gomes (2013), adquire magnitude: o prazer da observação! “Técnica” em que o olhar e o ver levarão ao ato de examinar, anotar, interrogar, refletir, interpretar. Para Gomes (*Ibid.* p. 31-2):

O olhar percorre e não se fixa. Por isso, ver algo significa extraí-lo dessa homogeneidade indistinta do olhar, significa conferir atenção, tratar esse algo como especial. A diferença entre olhar e ver consiste, portanto, no fato que o olhar dirige o foco e os ângulos de visão, constrói um campo visual; ver significa conferir atenção, notar, perceber, individualizar coisas dentro desse grande campo visual construído pelo olhar.

Isso dito, acredita-se que esses são procedimentos fundamentais que configuram o *Estudo do Meio* e, conseqüentemente, qualificam o conteúdo deste,

como proposição metodológica que ora se faz ao exame do espaço pela ciência geográfica. Desta proposição, emerge um conjunto de elementos que permitiram ver certas coisas no espaço. A relação sociedade e natureza e, conseqüentemente, contributos para análises dos problemas socioambientais na medida em que se exige uma (re)educação ambiental preocupada com esta relação que tem se apresentado insustentável, é um exemplo de grande valia que o *Estudo do Meio* pode dar seu contributo. Seja pela interação que ele confere entre os sujeitos e entre esses e o “meio”, seja pelos suportes que ele oferece à construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Estudo do Meio* como proposição metodológica tem na sua base um arranjo teórico e prático. Como uma prática teoricamente orientada nos preceitos da *Educação Ambiental*, cumpre fundamental papel no processo de ensino e aprendizagem em Geografia de maneira interdisciplinar, cidadã e preocupada com o “meio”. Ademais, cumpre fundamental papel na formação dos professores e estudantes para a (re)construção do *conhecimento geográfico*.

As reflexões antepostas se esforçaram para mostrar no *Estudo do Meio* a possibilidade de se realizar leituras diversas sobre o espaço humano que ao mesmo tempo tem se mostrado fragmentado e articulado. Sugere por os sujeitos para dialogarem entre si e entre a temática de estudo. Mobiliza, sensibiliza, articula, contribui no processo de ensino e aprendizagem ao mesmo tempo em que pode contribuir no processo paulatino de conscientização dos sujeitos sobre suas ações no tempo e no espaço.

O *Estudo do Meio* no âmbito do processo de ensino e aprendizagem e pautado nos preceitos e práticas da *Educação Ambiental*, pode promover a construção de *conhecimentos geográficos*, revelando facetas da realidade passada, presente e estimulando mudanças futuras quando se faz necessária. Existe, pois, a necessidade de uma interdisciplinaridade nítida capaz de lidar com a dimensão socioespacial, que também é cultural, política e econômica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; ANGELO, Maria Deusia Lima; DIAS, Angélica Mara de Lima. Propostas de aula de campo e Estudo do Meio no complexo Xingó. **Geotemas**, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v 2, n. 1, p. 111-128, jan./jun., 2012.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Século de prática de ensino de geografia: permanências e mudanças. In. REGO, Nelson, *et al* (Org). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**.Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 13-30.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

KAISER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p. 93-104, 2006.

MALYSZ, Sandra T. Estudo do meio. In: PASSINI, Elza Yasuko *et.al.* (Orgs.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 171-177.

MARCONI, Maria de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia N.. Estudo do meio e ação pedagógica. In: AGB Nacional. (Org.). **A geografia e a Amazônia no contexto latino americano: diálogos, práticas e percursos**. Rio Branco - AC.: AGB Nacional, 2006, v. 1, p. 1-14.

SUERTUEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de Campo em Geografia. **Revista GEOgraphia**, ano IV, nº 7. p. 64-68, Niterói, 2002.